

Se não fosse o corpo mole do Governo o custo seria menor

"Eu acho que o Governo tinha um plano bastante claro, tinha um fluxo de caixa de entrada e de saída. Esse fluxo de caixa foi alterado com a primeira crise asiática e foi profundamente alterado com a segunda crise asiática. Esse fluxo de caixa é que tornou as coisas fora do controle do Governo. O Governo tinha um plano razoável. Em dez anos se previa que o problema de transações correntes se resolveria, o Brasil como um país atrativo mundialmente, continuaria recebendo capitais que cobririam a necessidade de pagamento da dívida.

Esse fluxo de caixa é que foi profundamente alterado com a crise. O que a gente tem é que tentar resolver o problema de

um choque inesperado, que fez com que a gente tenha que usar uma política de mudança de curso dado um novo ambiente em que o Governo tá inserido. O que a gente tinha é um plano bem razoável, estamos vendo uma modernização do parque, uma mudança, redução de custos de produção, que foi se deslocando para o Nordeste ou para regiões de custos mais baixos e as exportações se recuperando.

Esse ano o déficit das transações correntes vai ser menor que o do ano passado. Vai ser substancialmente menor. Eu acho que aponta uma trajetória muito favorável. O que aconteceu é que no Brasil há essa tradição de corpo mole. Quando

se devia tomar uma atitude que teria um custo muito menor, se tivesse executado o que tinha prometido, de repente esse fluxo de capitais não teria ocorrido. Inversamente o que o capital remunera no Brasil é muito maior do que ele vai conseguir aplicando no título do tesouro americano porque o que aconteceu é de fato uma crise, uma aversão ao risco. O Brasil se tornou sem credibilidade internacional, tornou-se país de risco, embora as condições macroeconômicas sejam muito diferentes das condições macroeconômicas da Rússia e dos países do sudeste asiático."

PAULO COUTINHO